



OLHOS BRUXOS



Eliezer Moreira



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019





Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Flora Rabelo

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

IMAGEM DA CAPA: Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, em 1910.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M838o MOREIRA, Eliezer.

Olhos bruxos / Eliezer Moreira – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.

238 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-479-2

1. Romance brasileiro I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

I

OLHOS BRUXOS

Relíquia [etimologia]: lat. *reliquia,ae* 'migalha
(que fica entre os dentes depois de comer)'
(*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*).

1. UM FURTO

Quatro horas da tarde. Um senhor elegante passou pela portaria, cumprimentando com um discreto aceno de cabeça. O porteiro ergueu os olhos do jornal e viu o recém-chegado entrar na Sala dos Poetas Românticos.

Meia hora depois, veio da Sala Machado de Assis um ruído seco, abafado. Ruído de vidro que se rompe com cuidado, entretanto sem deixar de fazer algum barulho. Antes que o porteiro pudesse ir verificar, já o senhor elegante retornava, pálido, apressado.

O funcionário, diante daquele visitante, um cavalheiro tão fino, vacilou um momento. Seria um ladrão? Devia correr atrás dele? Ou era melhor ver o que acontecera na Sala Machado de Assis?

Correu à sala e logo voltou, dando o alarme:

– Pega ladrão! Pega ladrão!

Tarde demais. O suspeito já havia sumido na agitação das ruas.

Foi mais ou menos assim que os jornais descreveram uma cena, ocorrida um ano atrás, na Academia Brasileira de Letras,

quando foi furtada uma de suas relíquias mais preciosas, bem debaixo das barbas do porteiro. Uma ação tão sorrateira que nem suas circunstâncias foram inteiramente esclarecidas até hoje.

Na Sala Machado de Assis, o funcionário encontrou danificada uma urna na qual se exibiam penas, tinteiros, cortadores de papel e outros instrumentos úteis a quem, no século 19, se dedicava à arte de escrever – objetos valiosos pela importância histórica, uma vez que haviam pertencido ao patrono e fundador da Academia, todos expostos ali para deleite e admiração dos seus visitantes. Naquela afobação, sem saber se ocorrera só um acidente, ou se algo fora retirado, o porteiro dera o alarme. Outros funcionários acorreram, rodearam a urna, e examinaram as relíquias através do vidro trincado. Estavam todas no seu lugar, menos uma: o pincenê do escritor.

Durante sua vida Machado de Assis foi obrigado a usar óculos para remediar problemas crônicos de vista, e nos últimos anos só conseguia trabalhar auxiliado pela mulher Carolina, que escrevia enquanto ele ditava, pois já não enxergava direito nem com o pincenê. Esse tipo de óculos, presos ao nariz, hoje antiquados mas comuns na sua época, se tornaram, tal como sua barba espessa e áspera, um ícone indissociável da figura de Machado na maioria dos retratos que dele ficaram.

Causou estranheza que o ladrão tenha levado um objeto insignificante, simples armação metálica provida de lentes, sem grande valor comercial. Para que serviria aquilo? Bem diferente foi a opinião do presidente da Academia, em declaração dada aos telejornais daquela noite.

Segundo ele, o pincenê era a relíquia, se não a mais valiosa, sem dúvida a mais simbólica das que a Casa de Machado

de Assis mantinha no seu acervo museológico. Afinal, aqueles óculos haviam pertencido ao escritor mais importante do país, por meio daquelas lentes é que ele vira e compreendera o mundo, o que as tornava um bem de valor imaterial incomparável.

2. UMA CRÔNICA CURIOSA

Três dias depois, na sua edição dominical, além de um extenso artigo sobre Machado de Assis ilustrado por excelente caricatura do Bruxo – artigo no qual o furto não passava de simples gancho –, um jornal do Rio publicou a crônica habitual de Joaquim de Andrade Maria, por sinal, quase um xará do autor espoliado, cujo nome completo, como se sabe, é Joaquim Maria Machado de Assis.

O título dessa crônica é uma referência ao pincenê roubado, e também remete ao epíteto “Bruxo do Cosme Velho”, como ficou conhecido o escritor nascido numa zona portuária pobre da então capital do Império, e que viveu seus últimos anos no aprazível bairro carioca de Cosme Velho.

O texto “Olhos Bruxos” é um primor de imaginação e de metáforas delirantes, a começar pelo título. Nele, o jornalista tenta vários caminhos para adivinhar as razões do furto e traçar o perfil do ladrão, e afinal propõe uma hipótese sem pé nem cabeça.

Eis a íntegra da crônica, que recortei e coleí aqui:

OLHOS BRUXOS

Joaquim de Andrade Maria

“Os óculos de Machado de Assis foram surrupiados da urna onde estavam expostos, numa sala especial da Academia Brasileira de Letras. Havia outros pertences do escritor na mesma urna: tinteiro, penas de escrever, um cortador de papel, bilhetes e suvenires recebidos de amigos, relíquias talvez mais preciosas do que os óculos diminutos, todas elas inexplicavelmente desprezadas. O ladrão só estava interessado nos óculos.

“Aliás, cabe um reparo na denominação que tem sido dada ao objeto furtado: na verdade se trata de um pincenê, ou *pince-nez*, como ainda se escrevia na cultura afrancesada da época de Machado, cuja tradução ao pé da letra seria “agarra-nariz”, porque se prende por uma mola ao órgão do olfato. Claro, todos os pincenês são óculos, mas nem todos os óculos – dotados de hastes auriculares em vez de molas – são pincenês.

“Feita a ressalva, voltemos à pergunta clássica: a quem beneficia esse crime? Por que ou para quê alguém furtaria o pincenê de Machado? Será que tem valor comercial para os modestos antiquários da rua do Lavradio? Ou os mais ricos, de Copacabana e Ipanema? É evidente que tem valor, não por ser pincenê mas por ter pertencido a quem pertenceu.

“O doido só poderá satisfazer seu interesse comercial se confessar ao comprador que aquele é o pincenê de Machado de Assis, não uma luneta qualquer. Sem confessar não alcança preço, se confessar não vende e se arrisca a ser denunciado e preso. Mesmo que a hipótese da confissão fosse plausível,

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2019.
